



**cada leitura,
uma experiência**

**A pai
xão
de
Cris
to**

uma leitura
narrativa

Junior Vasconcelos



© Editora Saber Criativo, 2019.

Primeira edição, setembro de 2019.
Impresso no Brasil.

Você tem a liberdade de compartilhar, copiar,
distribuir e transmitir esta obra, desde que cite o
autor e não faça uso comercial.

www.editorasabercriativo.com.br
contato@editorasabercriativo.com.br
fb.com/sabercriativo
@sabercriativo

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Lissa Gabriela

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Regina Fernandes Sanches

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A485p

Amaral, Junior Vasconcelos do
A Paixão de Cristo: uma leitura narrativa / Junior Vasconcelos
do Amaral. - Campinas: Saber Criativo, 2019.
172 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-54925-34-5

1. Cristologia 2. Novo Testamento 3. Advento da paixão
4. Escrito marcano 5. Hermenêutica bíblica 6. Leitura narrativa

CDD: 232.09

À Maria José, minha mãe. Vasconcelos, meu pai
(*in memoriam*), Julio Cesar, meu irmão. Aos que
me apoiaram. Aos amigos da família Pimentel,
paroquianos, amigos e amigas e a todos e todas
que descem os pobres da cruz.

Su má rio

8	PROÊMIO
12	INTRODUÇÃO
16	PROPOSTA

MARCOS 14, 1-16, 8: ANÁLISE NARRATIVA DA PAIXÃO

23	Análise narrativa da Paixão
69	Enquadramento temporal
79	Focalização
89	Ponto de vista
106	Considerações finais

A NARRATIVA DA PAIXÃO EM HERMENÊUTICA ATUAL

110	Questões teológicas fundamentais
115	<i>Afecções</i> ou efeitos da Paixão na vida do cristão: memória atualizadora
124	Mc 16,7b-8 "Dizei a todos... E não disseram nada a ninguém..."
133	A arte de narrar: para que Jesus Cristo não seja esquecido
135	Narrativa e hermenêutica: repetição atualizadora
150	"Descer os crucificados da cruz": horizonte hermenêutico da Paixão
158	CONSIDERAÇÕES FINAIS
162	REFERÊNCIAS

**Pro
ê
mio**

COM O INTUITO DE TORNAR JESUS presente para as pessoas de todas as gerações e dentro do contexto da vida delas, o evangelista Marcos nos faz ouvir a narrativa do momento “crucial” da atividade de Jesus, sua subida a Jerusalém e à morte de cruz, depois de ter anunciado e instaurado em sua pessoa o princípio do Reino de Deus.

A análise narrativa desenvolvida por Junior Vasconcelos Amaral confronta o leitor de hoje com o sentido que o “protagonista” Jesus dá à sua caminhada até o fim, com uma performatividade dramática que convida o leitor a uma práxis que confirme sua opção diante do rosto do Crucificado.

No contexto da América Latina hoje, esta opção interpretante se resume na frase: “descer os crucificados da cruz”. Não para neutralizar a cruz, que Jesus assumiu livremente, mas por causa da *com-paixão*, a solidariedade tanto com o Crucificado do ano 33 quanto com os crucificados de hoje.

A memória narrada não pode nos deixar neutros. Ela nos afeta. “A intenção do relato da Paixão é nos levar à solidariedade e à compaixão com os crucificados deste mundo, buscando ungi-los com ternura e descê-los, com solicitude, de suas cruzes” (p. 151).

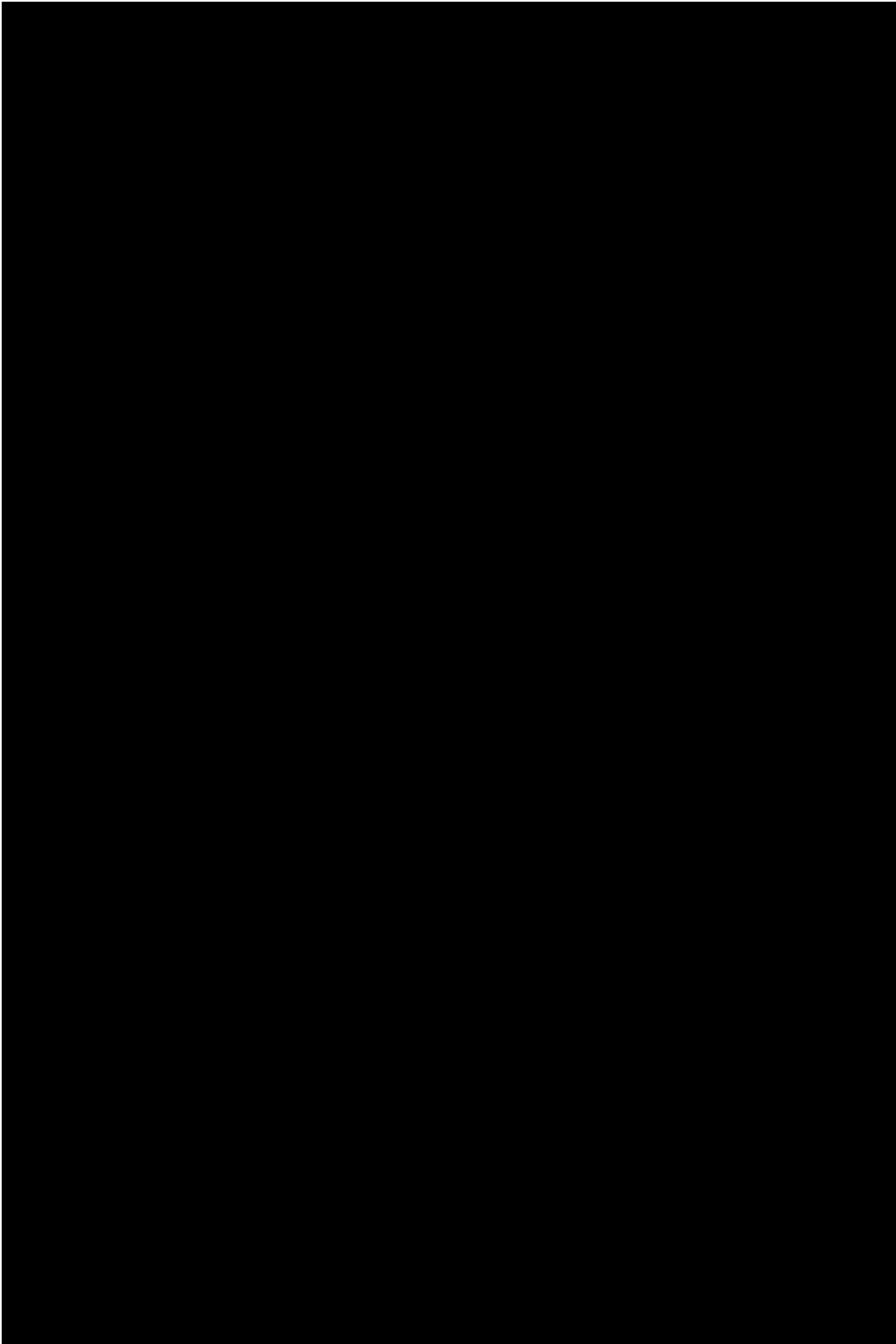
E a ressurreição, narrada como final aberto (Mc 16,8), assinala que o Crucificado não está mais no sepulcro de Jerusalém, para que o mundo hoje possa ouvir: “*Vede eles não estão mais aqui, nós fomos capazes de descê-los da cruz e eles foram ressuscitados*” (p. 157).

“Na fé em Jesus, que se dá a conhecer em sua morte e ressurreição, e sob os efeitos transformadores da narrativa esperançosa de Marcos, o fiel leitor e a comunidade leitora são tomados pela compaixão e pela solidariedade de Deus, isto é, por uma mensagem que se converte em amor. Tal mensagem, ao ser semeada nos corações se radica e faz seus ramos alargarem-se sobre o mundo, se convertendo em abrigo para muitos (cf. Mc 4,31-32), comparando-se, portanto, ao Reinado de

Deus, à sua soberania sobre todos, a maior e mais valiosa mensagem do evangelho que sai da boca de Jesus, o Filho de Deus” (p. 158).

Agradecemos ao autor a disponibilização deste valioso estudo e, sobretudo, de sua profunda convicção de fé, digna do nome de Cristo, que nos provoca e reconforta nestes tempos de tanta crucificação.

Prof. Johan Konings, orientador.



In tro du ção

ESTA OBRA É FRUTO DE UMA LONGA e prazerosa pesquisa. Em meados de 2012, iniciei meus estudos de Doutorado em Teologia Sistemática, com ênfase nas Fontes da Tradição Cristã, a Sagrada Escritura, na FAJE, em Belo Horizonte. Desde o início meu objetivo era ler e analisar mais detalhadamente o Evangelho de Marcos, sobremaneira a Paixão de Jesus Cristo, pois trata-se de uma temática profunda dentro de um Evangelho simples, narrativo, conciso e objetivo. Durante a pesquisa, o Prof. Dr. Johan Konings, meu orientador, sugeriu-me fazer uma experiência de Doutorado Sanduíche, na Université Catholique de Louvain, em Louvain-la-Neuve. Em 2014, em Louvain e sua majestosa Biblioteca, tanto em Louvain, na parte de língua francófona, como na antiga Universidade de Leuven, na KU Leuven, pude debruçar-me sobre inúmeras obras marcadas. A propósito, não posso deixar de agradecer tanto Prof. Pe. Konings, como também à FAJE e à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa do Programa de Doutorado-sanduíche no Exterior (PDSE). Em Louvain-la-Neuve minha perspectiva da narrativa da Paixão mudou muito com o acréscimo das obras lá pesquisadas, adquiridas e também pelo acompanhamento acadêmico do Prof. Dr. Geert Van Oyen, que foi meu co-orientador e lá me incentivou muito a ler o Evangelho como uma nova forma de falar sobre Jesus e sua vida. Concomitante aos estudos, não deixei de perceber a narrativa da Paixão de Cristo sendo vivida no dia-a-dia de nossa gente, sobremaneira na comunidade paroquial onde trabalhei por alguns anos, em Ibitiré-MG, as comunidades da Região do Sol Nascente e Vila Ideal. A leitura bíblica em grupos populares me favoreceu igualmente uma sensibilidade para abrir o texto bíblico e tirar dele as sutilezas. Portanto, tratou-se de um itinerário muito prazeroso e profícuo, culminando com um trabalho que chegou ao viés hermenêutico latino-americano com a pergunta seguida de uma reflexão “Como descer, hoje, os pobres da cruz?” A Boa Nova de Marcos pode ser lida em consonância com a vida dos Crucificados de hoje, mediante aos sistemas que

os oprime e massacra, como no tempo de Jesus Cristo. A Paixão de Cristo provoca em nós efeitos contínuos de fé, esperança, dor, mas ao mesmo tempo de compaixão para com os crucificados desta terra. Ao ler a Paixão, perscrutando suas diversas nuances, não permanecemos indiferentes. Desejo a você leitor ou leitora, que esta obra provoque em você um desejo de se fazer próximo da Paixão de Cristo e dos crucificados deste mundo, oferecendo a estes a possibilidade de descerem da cruz dos sofrimentos, das indiferenças e da injustiça.

**Pro
pos
ta**

Quando percebemos na Bíblia o suor de uma vida humana laboriosa, conflitiva, irrequieta – conduzida, porém, por um amor que ultrapassa o próprio coração daqueles que viveram e escreveram a história bíblica –, então levamos a sério a comunicação de Deus e falamos com ele como se fala a um companheiro.

(J. Konings¹)

NÃO É SEM SENTIDO QUE ASSISTIMOS hoje, no campo da exegese do Novo Testamento, a uma redescoberta do evangelho de Marcos², que por longo tempo esteve “negligenciado entre os teólogos”³. Este evangelho, ainda hoje, nos toca por sua simplicidade, clareza e concisão. Muitas foram as abordagens e os métodos propostos para sua leitura. Este evangelho foi lido e percebido, em geral, a partir da crítica histórica (ou Método Histórico Crítico).

A partir da década de 1960, com o surgimento do método sincrônico de análise narrativa, muitos estudiosos começaram a ler o evangelho marciano tendo em vista outra perspectiva, não mais direcionada apenas para o texto, o autor, a composição ou as fontes históricas que formataram o texto, mas seus olhares se voltaram para a maneira com que o texto foi elaborado e para os efeitos que o leitor, o interlocutor do texto, pode vivenciar a partir de sua leitura. A preocupação da análise narrativa voltou-se para o polo do leitor e não se fixou apenas no texto.

- 1 KONINGS, Johan. A bíblia: sua origem e sua leitura. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 225.
- 2 Cf. LAMARCHE, Paul. Révélation de Dieu chez Marc. Paris: Beauchesne, 1976. p. 6.
- 3 BOURQUIN, Yvan. Marc, une théologie de la fragilité: obscure clarté d’ une narration. Genève: Labor et Fides, 2005. p. 7.

A preocupação com o texto ainda permeia o método de análise narrativa. Tal método não rompe com a história do texto, sua redação, mas catalisa energias para pensar o leitor do texto, o mundo que ele é capaz de construir com a ajuda do mundo do texto. O texto é inspiração para o leitor. O leitor, seja ele o indivíduo que lê, seja a comunidade leitora, tem a preeminência, pois sem um leitor potencial não haveria a necessidade de um texto. Desta maneira, dizemos que os comunicadores é que constroem a comunicação e não a comunicação que constrói os comunicadores.

A escolha do evangelho de Marcos, a narrativa da Paixão de Jesus em especial, foi sendo amadurecida ao longo destes últimos anos de estudo e pesquisa. Trata-se de uma empatia misteriosa, talvez alicerçada no mistério narrado, isto é, traduzido pela singular clareza do segundo evangelho. Uma narrativa rápida, concisa, coerente com o objetivo do narrador: dar a conhecer Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

Quanto ao método que utilizaremos para trabalhar o *corpus textual* da Paixão em Marcos é o da análise narrativa, muito divulgado e utilizado nos tempos de hoje. Como se trata de um método novo em relação ao método histórico-crítico, vem sendo trabalhado por grandes e novos expoentes, como: D. Marguerat, C. Focant, J. Delorme, Y. Bourquin, J-N. Aletti, E. Cuvillier, J-L. Ska, G. Van Oyen e muitos outros pesquisadores, que ao longo deste trabalho serão devidamente apresentados. Contudo, o leitor perceberá que não há, ainda, por causa do caráter recente do método utilizado, muitas obras que falem estritamente da Paixão de Jesus no segundo evangelho. Esta questão possibilitará perceber que não escolhemos para nossa tese um ou dois autores principais, mas dialogamos com muitos nomes da narratologia bíblica. Este diálogo possibilitará conhecer outro método muito imbricado com a análise narrativa, o método semiótico, que identifica, no diálogo entre o texto e o leitor, os sinais e fenômenos que o texto permite visualizar. A escassez de obras es-

tritamento sobre a narrativa da Paixão no Evangelho marcano não constitui um impasse, mas convida a dialogar mais com o texto bíblico em si. O método será apenas o caminho; o nosso fim, nossa meta sempre será o efeito que o texto provocará em nós.

Nesta obra, trataremos de delimitar o texto a ser lido e de dialogar com a exegese histórico-crítica, que nos precede e auxilia, daí afirmamos o motivo da escolha desta *unidade narrativa* ou *secção*. Apresentamos o texto a ser trabalhado, nossa tradução instrumental. Logo em seguida faremos a análise narratológica do enredo (ou intriga). Torna-se imprescindível para a análise narrativa a caracterização dos personagens que passam e movimentam o relato, com suas ações e palavras. Tais expedientes são fundamentais para a percepção da narração. A próxima percepção no relato é a focalização: como o narrador focaliza os personagens e cenários. A mudança de foco é percebida no relato, tais focos são notórios nos relatos narrativos, desde o foco externo, zero ou interno. Trata-se de perceber a mudança da “câmera” do narrador, as fotografias que ele faz dos personagens. Por fim, nos passos do método de análise narrativa, chegamos ao ponto de vista do narrador: quais são as teologias e noções que ele traz e embute no horizonte ativo dos personagens, as ideologias que perpassam as cenas e os diálogos. O ponto de vista define o que o narrador deseja apresentar.

Chegamos, portanto, a outra parte deste livro. Nesta, apresentaremos a hermenêutica atual da Paixão de Jesus em Marcos. Faz-se necessário compreender os *efeitos* que o relato da Paixão segundo Marcos provoca e desperta no leitor de hoje, ou na comunidade de fé que lê o evangelho. Aqui, buscamos perceber o *intercâmbio de experiências* possíveis entre o texto bíblico e o seu leitor atual, constituído agora leitor ideal, averiguando nele as possíveis *refigurações* do texto.

No gesto da mulher em Betânia (Mc 14,3-9) será possível encontrar chaves hermenêuticas para nossa pragmática. O texto nos

aguça a uma ação. A *identidade narrativa* nos lança a nos revestir de gestos reais a partir daquilo que experimentamos e saboreamos pela ação da leitura. Ler é ao mesmo tempo uma ação de ler-se no texto, de se ver jogado nele e ser também jogado por ele. Trata-se de um jogo entre ele e nós. Deste modo, a narrativa da Paixão de Jesus jogará conosco, seus leitores. É preciso, no entanto, que estejamos disponíveis a ela. A Paixão de Jesus nos provocará a ungir nossos irmãos e a descê-los de suas escandalosas cruces.

Apresentamos, portanto, neste capítulo, algumas inquietações pertinentes a partir da leitura bíblica da Paixão à luz da paixão do mundo, dos *povos crucificados*. Para tocar nesta noção de *povo crucificado*, à luz da cruz de Jesus Cristo, buscamos dialogar com alguns teólogos que marcaram significativamente o horizonte da teologia latino-americana, L. Boff, I. Ellacuría e J. Sobrino. Eles nos auxiliarão na perspectiva pragmático-hermenêutica, a partir da pergunta: “Como descer os pobres da cruz?”, inspirados pela figura de José de Arimateia, que, no relato marcano, desce Jesus e o deposita num sepulcro em Jerusalém. Evidentemente, a leitura do relato da Paixão segundo Marcos toca o leitor, produz nele efeitos ímpares, o deixa desestabilizado. É indispensável ler a Paixão de Jesus à luz da Paixão do mundo, do povo pobre latino-americano e brasileiro, de todos os pobres do mundo.

Ca

pí

tu

lo

1

MARCOS 14, 1-16, 8: ANÁLISE NARRATIVA DA PAIXÃO

*“O efeito do texto é uma virtualidade cuja potência é atualizada em sua recepção pelo leitor.”
(Marguerat e Bourquin⁴)*

PROPOMO-NOS A LER E INVESTIGAR a narrativa da Paixão de Jesus segundo Marcos a partir do Método de Análise Narrativa, hoje muito visitado por biblistas, exegetas e teólogos bíblicos, que se aventuram a percorrer as Sagradas Escrituras.

Análise narrativa da Paixão

A análise narrativa se constitui em um método que supõe os efeitos do texto, isto é, a pragmática do texto sobre o leitor/leitora e/ou sobre os ouvintes. Trata-se de observar os efeitos que o relato da Paixão de Jesus segundo Marcos exerce sobre aquele que o lê: aquilo que a Paixão de Jesus desperta no interlocutor do texto: o leitor.

4 MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yvan. Para ler as narrativas bíblicas: iniciação à análise narrativa. São Paulo: Loyola, 2009. p. 173

A narrativa da Paixão de Cristo, de acordo com Marcos, se estende ao longo dos capítulos 14 ao 16. Tais capítulos serão lidos a partir dos passos fundamentais do método sincrônico de análise narrativa. Faremos uso do proposto para a leitura de textos bíblicos por D. Marguerat e Y. Bourquin, cuja obra e método já foram esmiuçados no capítulo segundo.

Mc 14,1-16,8: intriga ou enredo

No que se refere à intriga ou ao enredo, como organização dos componentes narrativos da Paixão, apresentamos aqui o corpo textual de Mc 14,1-16,8: o Livro da Paixão⁵. Isso identifica nossa

- 5 Pode-se compreender Mc 14,1-16,8 como o Livro da Paixão a partir de algumas questões relevantes. Amparamo-nos em alguns exegetas para pensar tal tradição como livro, não à parte, mas como produto da tradição selecionada por Marcos. Segundo J. Gnilka, o relato da Paixão se distingue do restante do Evangelho, que narra acontecimentos sucessivos cronologicamente. "Los acontecimientos que escuchamos ocupan su lugar en el conjunto de la narración y no pueden intercambiarse arbitrariamente". O que J. Gnilka salienta é que no relato da Paixão em Marcos, como no restante das tradições sinóticas, encontram-se tradições isoladas, podendo ser chamadas de perícopes. Outro argumento assumido por J. Gnilka diz respeito à razão pela qual o cristianismo primitivo tinha interesse especial nos acontecimentos dos últimos dias de Jesus. Este interesse provavelmente levou o narrador de Marcos a interessar-se pela Paixão como motivo crucial de sua narrativa (Cf. GNILKA, Joachim. *El Evangelio según san Marcos: Mc 8,27-16,20*. v. 2. 5 ed. Salamanca: Sígueme, 2005. p. 253-254). Na opinião de V. Taylor, o relato da Paixão e da Ressurreição, formando a última parte do Evangelho, é a melhor articulada. "Según la opinión general, esta circunstancia se debe al hecho de que la pasión y la resurrección fueron la primera parte de la tradición evangélica que se contó como relato seguido, puesto que fue preciso narrar toda la serie de acontecimientos para resolver la paradoja de la cruz." (TAYLOR, Evangelio, p. 633). J. Marcus afirma: "Hay buena parte de verdad en la famosa exageración de Martin Kähler, a saber, que los evangelios son 'narraciones de la pasión con amplias introducciones'. En el caso de Marcos, el evangelista ha estado preparándose para la sección culminante del evangelio, el relato de la pasión de Jesus (= el sufrimiento) desde 2,20, donde Jesús hablaba de sí mismo por alusiones, como un novio destinado a ser arrebataado (= asesinado), y desde 3,6, donde el narrador describía un complot de fariseos y herodianos para acabar con él" (MARCUS, *El Evangelio*, p. 1063).

delimitação, uma opção amparada a partir daquilo que se pode considerar a *unidade narrativa*⁶ ou a *seção narrativa*, um corpo textual com começo, desenvolvimento e fim⁷.

A tradição manuscrita oferece seis versões diferentes para o final do segundo evangelho, na perspectiva de Camille Focant⁸. Con-

Estas três considerações acerca da narrativa da Paixão como um relato em unidade narrativa nos leva a entendê-lo como um livro dentro de outro livro: o Evangelho de Marcos.

- 6 Preferimos utilizar a expressão “unidade narrativa” ao invés de “perícope”. Como indicação geral sobre delimitação da unidade narrativa, cf. MARGUERAT, Daniel; BOURQUIN, Yves. *La Bible se raconte : initiation à l'analyse narrative*. Paris: Cerf, 1998. p. 39-51. Quatro critérios são precisos para a delimitação de uma unidade narrativa: tempo, espaço, personagens e temática. Segundo Jaldemir Vitório, “o narrador cria personagens, produz diálogos, inventa situações, monta esquemas, integra elementos, serve-se de inúmeros tipos de informações, dando-lhes unidade narrativa, na perspectiva da intriga”. Cf. VITÓRIO, Jaldemir. *A narratividade do livro de Rute*. Estudos Bíblicos. n. 98, 2008, p. 86.
- 7 Com exceção de Benoît Standaert, que considera os capítulos 14-15 o relato propriamente dito da Paixão, e 16,1-8 um epílogo, ou também final “breve”. Para ele, Mc 16,9-20 é uma junção, um “final longo”. Cf. STANDAERT, Benoît. *Évangile selon Marc: commentaire: troisième partie - Marc 11,1 a 16,20*. Pendé: J. Gabalda, 2010. p. 1196-1201. No comentário de Camille Focant, a perícope de Mc 14,1-16,8 corresponde à sexta seção de seu comentário. Cf. FOCANT, Camille. *L' évangile selon Marc*. Paris: Cerf, 2004. p. 509. Élian Cuvillier também compartilha da mesma ideia que Focant, intitulando esta perícope de “A morte do Filho de Deus”. Cf. CUVILLIER,Élian. *L' évangile de Marc*. Genève: Labor et Fides, 2002. p. 271.
- 8 Cf. FOCANT, Camille. *Un silence qui fait parler (Mc 16,8)*. In: DENAUX, Adelbert. *New Testament textual criticism and exegesis: Festschrift Joël Delobel*. Leuven: Leuven University Press, 2002. p. 80-82. Segundo C. Focant, os seis finais podem ser compreendidos pelos seguintes esquemas: 1) Mc 16,1-8, final atestado em a B3 da família minúscula 304 do século XII e nas versões antigas supracitadas; 2) Mc 16,1-8 + 9-20, com sinais diacríticos (asteriscos e obéles), deixando pairar uma dúvida quanto à autenticidade dos versículos 9-20: família um e uma dezena de minúsculas (137 138 1110 1210 1215 1216 1217 1221 1528 e, provavelmente, 1241); 3) Mc 16,1-8 + 9-20 em texto contínuo: este final longo (canônico) se encontra em muitos manuscritos gregos a partir do século V: A C D K X D Q P, a maioria dos manuscritos da recensão antioquena, a família 13 e muitos outros minúsculos,